

os organizadores lembram que o melhor caminho a percorrer é obter conhecimento para quebrar os preconceitos. E é exactamente esse o trunfo maior desta obra inovadora: oferecer o conhecimento para desmistificar o 'Outro'. António Marujo e José Eduardo Franco mostram a necessidade que havia em reunir os textos que formam a *Dança dos Demónios*:

“Hoje vivemos numa sociedade aberta, alicerçada em valores como a liberdade, o pluralismo, a tolerância, o respeito pela cultura e crenças do Outro. No entanto,

basta vezes se fendem e sangram as cicatrizes mal saradas desse passado conspiracionista e intolerante. Expressões, apreciações simplistas ou nostalgias de um passado segregacionista pretendem acordar os velhos fantasmas da conspiração oculta. Esse é um dos perigos que a democracia enfrenta e para o qual importa estar atento, especialmente pela via da educação para a tolerância” (p. 20).

Maurício Ieiri

- **O PADRE ANTÓNIO VIEIRA
E AS MULHERES**
– O mito barroco do universo
feminino
José Eduardo Franco
e Maria Isabel Cabanas Morán
Editora: Campo das Letras
Porto, 2008 – 233 pp.

A presente obra divide-se em cinco capítulos e contém um prefácio assinado por Tom Earle da Universidade de Oxford, que começa por nos lembrar: “A Igreja seiscentista era francamente misógina, e o Padre António Vieira não era o menos violento dos que denunciavam os erros do sexo considerado fraco” (p. 8). É dessa mundividência, onde se exalta o homem e se rebaixa a mulher que, precisamente, um homem e uma mulher, nos apresentam uma visão equilibrada e bem documentada.

Ainda antes dos capítulos que dão forma ao livro, nas “Considerações introdutórias”, os autores esclarecem que esta obra tem como objectivo colmatar diversas falhas da historiografia na análise das “mentalidades, atitudes e comportamentos que dominam a sociedade numa épo-

ca determinada” (p. 15). Com este estudo pretende-se, ainda, dar um importante contributo “para reduzir esse vazio historiográfico, sociológico e/ou literário lançando mão das pregações de António Vieira e analisando a presença que ali tem a mulher tanto como colectividade quanto como ser individual, que sobressai do comum pelas suas acções excepcionais” (p. 15).

E é desse universo que nos dão excelente e clara notícia os capítulos que se seguem.

No capítulo primeiro intitulado “A percepção barroca da antropologia feminina”, os autores começam por informar que “Na obra parenética do Padre António Vieira, a imagem da mulher é construída como um ser capaz do melhor e do pior” (p. 25), não fosse ela, na tradição cristã, aquela que introduziu o pecado no mundo (Eva), mas também aquela que trouxe a esse mesmo mundo a esperança da salvação na figura do seu filho Jesus (Maria).

No catolicismo a formação do mundo advém do pecado, da transgressão, não só de uma simples mas fundamental prescrição (não comas o fruto da árvore do bem e do mal), como também da tomada de

consciência de que tudo o que nos rodeia não é por cada um valorizado da mesma maneira. Eva e com ela Adão, com a transgressão ganharam o conhecimento e expostos à sua nudez reconheceram as suas diferenças anatómicas e fisiológicas, surgindo, de forma natural, ante a solidão e o desamparo, o desejo de se tocarem e acariciarem. Eva foi vencida pela sensualidade de Satã e dela se tornou veículo permanente.

Eva inaugurou a sensualidade e Maria instaurou a durabilidade nas relações entre homens e mulheres. Como castigo da transgressão de Eva, Deus condenou o seu género à submissão da vontade masculina. Fraca de corpo e de carácter, nada mais restava à mulher senão ter uma vida de subalternidade em relação ao homem, enquanto que, a sua inteligência “diminuída”, a tornava mero adorno sensual de um mundo que continuava a depender inteiramente dela, mas ao qual praticamente nada poderia acrescentar ou retirar. A sensualidade por força da natureza, ou fraqueza do homem, tornou-se o grande trunfo da mulher que, a pouco e pouco, a usou para confundir e desestabilizar a organização social. O homem física e racionalmente superior, desde sempre se deixou enredar pelos encantos femininos deitando a perder com uma frequência inusitada, o produto do trabalho árduo de várias gerações.

Tinha sido esta a imagem da mulher transmitida até ao período barroco e é esta a representação que o Padre António Vieira, homem da Igreja de audácia rara quis manter, uma vez que “A dominante cultura androcêntrica do Ocidente tinha relegado a mulher para um plano secundário no âmbito da dinâmica social” (p. 27).

Como os autores tão bem mostram, a representação feminina transportada por Maria, foi sendo construída a partir do Concílio de Éfeso em 411 da nossa era sob

a inspiração de São Cirilo que a proclamou como “Mãe de Deus” em vez das anteriores definições que a consideravam apenas “Mãe de Cristo” (cf. p. 32). Esta imagem mariana foi ganhando outros contornos depois do século XI pela pena de santo Anselmo e de Abelardo.

Portanto, Vieira mostra o maior desprezo, como era costume à época, pela mulher mundana, sucessora directa de Eva e tece os maiores elogios ao modelo de mulher que é Maria, a mulher consagrada, a Mãe de Deus ou do Salvador. Por tudo isto, os autores são obrigados a concluir que “Na percepção de Vieira, as mulheres renascem e plenificam-se, através do poder da Virgem” (p. 33). O renascimento por intermédio da Virgem dá-se com todas as mulheres, mas o pregador jesuíta, acompanhando as imagens femininas da época, apenas elogia a atitude, as qualidades, as virtudes e o comportamento de um leque muito reduzido de mulheres, como muito bem fica demonstrado ao longo do primeiro capítulo.

No segundo Capítulo designado “Caracterização do universo feminino” discorre-se sobre este tópico na época do Padre António Vieira.

Logo nas primeiras linhas, o leitor fica a saber que “à mulher é atribuída pelo Padre António Vieira um papel eminentemente passivo por contraste com o papel do homem que é essencialmente o de protagonista, o de líder, o de empreendedor” (p. 57).

A visão paradisíaca do homem e da mulher como uma espécie de seres indistintos, é quebrada por Eva e a descendência do seu género acaba por ser penalizada por essa decisão, sendo enclausurada, como uma criminosa, entre as quatro paredes da casa onde vive, sem lhe ser permitido qualquer tipo de convívio, fora do ambiente caseiro, com o género masculino.

É desta tensão entre a vida privada e o

interesse público que os autores nos deixam provas quando ao longo das páginas deste capítulo relatam a particular importância que algumas mulheres assumem nos relatos bíblicos, tais como, Miriam, Ester ou Judite e as considerações alusivas à superioridade do Homem e à perversidade da mulher contidos no livro do Eclesiastes e em muitos escritos de S. Paulo.

Vieira, na pior tradição bíblica, quanto ao estatuto e papel da mulher, mostra-se intransigente: fazer sair a mulher de casa é estimular o pecado alheio, pois por querer ou sem querer, a sedução será exercida e com ela o homem perder-se-á, apesar de toda a sua força e superioridade.

À época de desconfiança em relação às mulheres era tal que como os autores enfatizam “Temia-se que as romarias e outras celebrações pudessem dar lugar a autênticas orgias, desconfiando-se das beatas que as frequentavam e tendo-se por mais piedosas as mulheres que rezavam a Deus na intimidade do lar” (p. 64). Como lembram poucas linhas antes, havia mesmo autores que defendiam que as mulheres apenas deveriam sair de casa “em três ocasiões: para se baptizarem, para se casarem e para serem enterradas” (p. 64).

É neste ambiente repressivo do género feminino que Vieira se move: “a mulher é destinada, na cosmovisão vieirense, à clausura mais restrita e solitária para preservar a sua honra e garantir a harmonia social” (p. 65). É certo que o padre jesuíta nega toda e qualquer vida social às mulheres, mas dentro do lar, atribuiu-lhes um inquestionável “papel de mestra espiritual da humanidade, transmitindo a fé e orientando a vida do homem para a salvação” (p. 66). Supõe-se, é claro, que este efeito pedagógico, apenas diga respeito aos homens da casa, entenda-se, marido e filhos.

O pregador jesuíta nos seus sermões reflecte as considerações conhecidas sobre as relações matrimoniais em voga nos sé-

culos que o antecedem com o intuito de reforçar a pedagogia do bom matrimónio. À mulher pedia-se recato e honestidade, enquanto o homem deveria afirmar a sua virilidade num rol de infidelidades que não só eram desculpáveis como muitas vezes eram encorajadas.

O terceiro capítulo é intitulado “Caminhos da perfeição feminina” os quais devem ser percorridos pela Penitência e Oração.

Como lembram os autores, para o pregador jesuíta, a verdadeira mulher é aquela que no quotidiano age “como uma autêntica penitente” (p. 79), exultando a imagem da Madalena arrependida que o povo aprendeu a valorizar e a considerar como modelo de virtude extrema, pese embora o peso de um passado envolto na volúpia e sedução. Afinal, Madalena “tinha ascendido das profundidades do pecado carnal às alturas do amor espiritual e, como tal, era a expressão dos ideais eclesiásticos” (p. 81).

Estas ideias de salvação com ecos femininos continuavam a limitar de forma inusitada a vida das mulheres, pouco importando a origem ou a classe. Bastava ser mulher para recair sobre alguém uma falta de confiança injustificada.

O capítulo quarto é intitulado “Caminhos da perdição feminina” e destes constam a vaidade, a petulância, a atracção pelo poder, o amor físico e a luxúria

Logo nas primeiras páginas os autores apresentam-nos o sermão onde Vieira, com mestria, se serve da imagem do espelho e a refere à vaidade e amor próprio femininos, à semelhança de Satanás: “O Demónio do espelho ordena e reordena, compõe e recompõe a realidade” (p. 99) e como ele, a mulher pecadora distorce o que está em seu redor para ludibriar os homens com que se cruza. O espelho reflecte o que lhe aparece à frente dando a possibilidade de tocar e retocar aquilo de que se não gosta. Com ele, a mulher compõe o que não é do

seu agrado, usando-o em prol da vaidade própria. Para o pregador jesuíta “essa narcísica vontade de ver a própria figura foi herdada por via feminina pelas filhas de Eva, na sequência da queda original” (p. 100). Associando desta forma o espelho ao ‘demónio mudo’ Vieira recomenda a todas as mulheres que ponham de lado a tentação de possuir um espelho para evitar modificar a sua figura de modo a confundir os sentidos masculinos.

Quando as mulheres se enfeitam distinguem-se das outras, alteram a sua fisionomia e assim pensam ter ganho um estatuto de superioridade, o que para Vieira é uma forma de amor próprio que todos devem ajudar a combater, começando, naturalmente, pelos confessores dessas senhoras.

No elencar dos caminhos da perdição o pregador jesuíta considera que “o amorpaixão ou amor físico entre os dois sexos assenta numa ilusão” (p. 115). Se amor existe, esse é espiritual, pois a relação carnal, pela sua fugacidade e precariedade, nunca acalma o desejo porque só se liga ao prazer dos corpos. Para Vieira a luxúria é “o pior dos vícios [...] uma amalgama de todos os outros” (p. 121). A mulher, herdeira dilecta de Eva, tenta e leva à perdição o homem. O pregador jesuíta chega a comparar a mulher a um alucinogénio e à embriaguez, defendendo que se a Adão foi a mulher que o enlouqueceu, a Noé, foi o vinho. Desta forma, o homem, de uma ou de outra maneira, é sempre vítima, aquele que sofre a acção premeditada pela astúcia voluptuosa da mulher. O homem é tentado e não resiste: à mulher, ao vinho, ao dinheiro... nesta ambiência, como os autores referem, no sermão de Vieira “Estamos diante do mito adâmico interpretado historicamente em desfavor de um género por uma cultura androcêntrica” (p. 124).

No entanto, ao arrepio da visão tradicional sobre o adultério, Vieira não con-

dena apenas a mulher em tal acto, achando, pelo contrário, que essa responsabilidade “deveria ser igualmente repartida entre ambas as pessoas implicadas, não obstante a mulher ser o sexo mais fraco” (p. 130).

Este ‘ódio às mulheres’ era característico no barroco e seguia uma longa tradição onde o ambiente intelectual e filosófico da Grécia antiga tinha deixado fortes marcas. As palavras de Sócrates, Platão e Aristóteles sobre o sexo feminino são tudo, menos belas e edificantes. Consideradas intelectualmente inferiores ao homem, elas deveriam estar ao total serviço/disposição do sexo masculino.

O que fica por dizer ao pregador jesuíta é que se as mulheres continuavam ignorantes, tal facto devia-se ao preconceito. Bastaria ensiná-las para se constatar que poderiam aprender tal qual os homens.

O capítulo quinto intitula-se “Formas e figuras de prestígio feminino” e nelas os autores colocam a maternidade e o casamento; a fé e a tenacidade nas acções; a fortaleza e a beatitude.

De certo modo, a menoridade da mulher, no entender de Vieira, era atenuada e mesmo transcendida, pela maternidade: “Pela maternidade é-lhe aberta a possibilidade do desempenho de um papel central em termos sociais e humanos que, em certa medida a superioriza em relação ao homem” (p. 145).

O pregador jesuíta, quando lhe convém, ou quando convém a um interesse maior que não o simples amor próprio, não deixa de elogiar comportamentos femininos aparentemente pouco edificantes, como é o caso de D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, casada e divorciada de D. Afonso VI, para, imediatamente, desposar o irmão do rei, D. Pedro (cf. 148 ss). Este processo de divórcio e consequente casamento com o seu cunhado e futuro rei, pareceu-lhe da maior importância para a independência de Portugal.

Os autores lembram que “na parenética vieirense por meio da maternidade atinge-se a imortalidade, já que a sucessão significa uma segunda vida ou uma antecipada ressurreição” (p. 149). A grandeza que o pregador vê em D. Maria Francisca, fá-lo apresentá-la como “heroína absoluta, revestida das mais altas qualidades físicas e morais das antigas figuras bíblicas. Ela dotada de força ‘varonil’, determinação e coragem, conseguiu resolver num período inferior a dois anos os complicados problemas com que o país se debatia: a guerra, a sucessão dinástica e o governo” (p. 161). Neste contexto a questão política do matrimónio sobrepõe-se à questão moral, uma vez que para Vieira a Nação portuguesa era mais importante que a moralidade ou imoralidade de um comportamento particular. Mais uma vez, os ‘interesses maiores’ levam o pregador jesuíta a atribuir um papel de charneira às mulheres. Antropologicamente, neste mundo, ela não passa de um ser inferior, mas no plano “trans-histórico, Vieira profetiza[lhe] vantagens em relação ao masculino e antevê-lhe mais possibilidades na conquista da glória eterna” (p. 163).

O pregador jesuíta serve-se do exemplo de mulheres excepcionais para mostrar o alto valor do martírio em consequência de uma vida santificada: santa Catarina, santa Bárbara, santa Teresa, rainha santa Isabel de Portugal, são alguns dos modelos que exalta. Estas e outras mulheres “tiveram de escolher entre o matrimónio ou o martírio, perdendo tudo em prol da fé que professavam e das suas promessas” (p. 194).

Desta forma, o género feminino ganha aos olhos de Vieira qualidades excepcionais que a maioria dos homens parece não possuir. No seu sermão, as mulheres que vivem no mundo e permanecem no recato de suas casas, totalmente submissas ao poder masculino e aquelas que pelo sacrifício santificam a sua vida, cumprem

as suas obrigações e em relação à santidade deixam superiores exemplos que todos devem meditar.

Na conclusão, os autores ao fazerem o sumário dos capítulos precedentes reforçam que “A imagem multipolar e contrapolar da mulher no sermão do Padre António Vieira deve ser entendida, pois, como o transbordar retórico ocorrido no Barroco português em que se cristalizou a partir daquela percepção cristã que a cultura de Ocidente acentuou em relação ao universo feminino” (p. 197). Como se enfatiza neste capítulo “Embora esse pessimismo antropológico, resultante da sobrevalorização doutrinal da queda adâmica originária que enferma a natureza humana e a torna hipersensível ao pecado, atinja particularmente o universo feminino, ele não deixa de afectar a percepção e a avaliação de todo o género humano; como se pode constatar em muitas passagens de Vieira onde este mostra não ser nada brando com os homens” (p. 188).

Este estudo mostra-nos que nos escritos do barroco sobre as mulheres, a sensualidade vence a razão, uma vez que o profundo “ódio às mulheres” que estes autores não se cansam de professar, advém do reconhecimento de que a sensualidade feminina acaba por ter uma profunda influência no dia a dia dos homens, sendo mesmo capaz de destruir por completo e em pouco tempo, edificações que levaram séculos a conseguir, como se mostra com o recurso, entre outros, aos exemplos Sansão e Dalila, ou de Helena e Tróia.

No final deste estudo o leitor atento continua a manter diversas interrogações: porque é que só a mulher é responsável pelo pecado se o homem também peca com ela? Será grande audácia ou grande temor, que os eclesiásticos barrocos, na senda dos anteriores, continuem a considerar a mulher como causadora de todos os males, sabendo eles que a decisão final da má conduta partilhada com a mu-

lher, acaba sempre por ser da responsabilidade dos homens?

As mulheres seduzem, mas são os homens que invariavelmente acabavam por anuir a esse fascínio, alimentando, por decisão própria, as condições propícias ao exercício da lascívia, ante a qual nada fazem para lhe resistir.

Os autores, contudo, reforçam que os textos do Padre António Vieira, do ponto de vista trans-histórico, ao valorizarem supletivamente o papel da mulher mostram que os seus pecados em vida são 'menores' que os da maioria dos homens, acabando o pregador jesuíta por ter uma opinião menos favorável ao papel do homem no jogo da sedução. Vieira desconfia que o homem se empenhe verdadeiramente para resistir à tentação femi-

nina, ainda que as suas "Meditações sobre a veneração da beleza efémera, a passagem do tempo, as metamorfoses de imagens, o desengano a que conduzem meras ilusões, etc., registam-se no sermão, por vezes com prolixidade e até sendo dirigidas de forma explícita a um 'vós' determinado que corresponde a senhoras e/ou freiras" (p. 199).

Terminada a nossa leitura, resta-nos concordar que a publicação do presente volume cumpre, por inteiro, o desiderato a que os seus autores se propuseram: "Mostrar, demonstrar, compreender e fazer compreender" (p. 203), *o mito barroco do universo feminino*, guiados pela leitura atenta do sermão do Padre António Vieira.

Artur Manso

• *RELIGIOUS DIVERSITY
IN ANCIENT ISRAEL AND JUDAH*
Francesca Stavrakopoulou
e John Barton (eds.)

Editora: T&T Clark

Nova Iorque, 2010 - 207 pp. (+XVI)

Disponibilidade em Portugal: Wook

Hoje, definitivamente, é preciso renunciar à concepção da Bíblia como «fonte» quer na elaboração de uma «história de Israel e de Judá» quer na reconstituição da sua «religião», um sonho que havia dominado a chamada «arqueologia bíblica», sobretudo em França (Escola Bíblica) e nos Estados Unidos («escola» de W. F. Albright). Depois da publicação, há dez anos, do livro de I. FINKELSTEIN-N. A. SILBERMAN, *The Bible Unearthed* (2001), a «arqueologia bíblica», já moribunda, recebeu um golpe fatal. E, na última década, surgiram algumas publicações que procuram fazer o ponto da situação relativamente à elaboração quer de uma «história

de Israel e de Judá» (é o caso da obra colectiva coordenada por H. G. M. WILLIAMSON, *Understanding the History of Ancient Israel* [2007]) quer da sua religião (Francesca STAVRAKOPOULOU e John BARTON [eds.], *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*, [2010]).

O livro que aqui apresentamos, portanto, não é simplesmente um conjunto de estudos sobre um tema específico, mas a avaliação de um percurso já feito, nas últimas duas décadas, e do caminho ainda a percorrer. Simultaneamente, tratando-se de dez contribuições dentre os melhores especialistas do tema, temos aqui uma excelente introdução para quem queira aprofundar este assunto.

* * *

O livro está dividido em três partes: a primeira, com três contribuições, trata de questões conceptuais; a segunda, com cinco ensaios, explora a diversidade sócio-religiosa em Israel e Judá; e a terceira, com dois ensaios, a diversidade geográfica. E,